



Os Inquilinos do Barracão

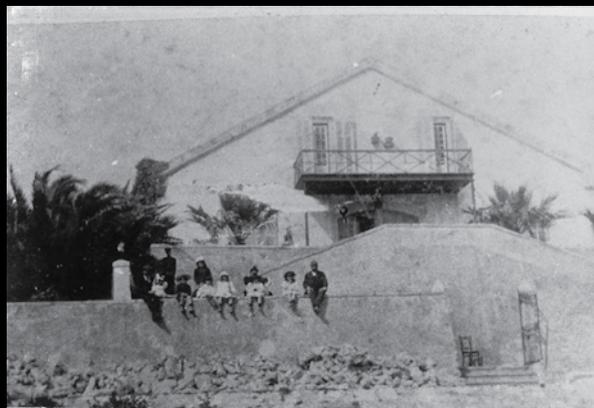
Notas da Redacção:

Recebemos tantas mensagens tão carinhosas e tão bonitas, que é difícil referi-las na primeira página – ocuparíamos o espaço todo e...convenhamos que os Inquilinos do Barracão e ele próprio, precisam de espaço! Não acreditam? Ora então vejam e...uma linda e longa reportagem sobre Lula e Nuno que teve que ficar para uma das próximas Gazetas! As referidas mensagens e mais o assunto “FIM DESTA SÉRIE de Gazetas” estão na última página..

Ah! A Gazeta recebeu uma ajuda monetária do primo Dinis Pizarro de Albuquerque d'Orey que todos os d'Orey agradecem e ofereceu à Tim-Tim, Nico e Bruno um delicioso almoço na Póvoa de Varzim (leitão e champanhe) na companhia de outro primo, seu sobrinho, José Pedro Bessa d'Orey.



A fachada do Barracão já com a Marginal construída, provavelmente nos anos 60



A fachada do Barracão antes da Marginal construída.



Pormenores no interior da propriedade

Redacção: **Tim-Tim** (laranja) email: tmtim_milu@hotmail.com **Nico** (verde) email: amslewinski@net.vodafone.pt
Morada: **Rua Afonso de Albuquerque, 14 2780 - 307 Santo Amaro de Oeiras** Fax: 214 213 156 www.dorey.pt
Distribuição: **Luisa Loureiro** (laranja) email: mlloreiro@jmellors.pt Paginação e imagem: **Bruno d'Orey Slewinski** (verde)
A Gazeta d'Orey é uma publicação periódica, de distribuição gratuita, com carácter familiar, sem qualquer intuito comercial.
Tem como objectivo, apenas, a comunicação no seio da família d'Orey.

OS INQUILINOS DO “BARRACÃO”

por Maria Teresa d’Orey Seabra Pereira de Sacadura Botte (Tim-Tim) (laranja)

Tenho lido atenta e deliciada as memórias de alguns primos sobre os pais, pessoas que conheci muito bem e por alguns deles tinha especial amizade e que recordo com saudade e ternura.

Lembrei-me então de dar a conhecer os “Inquilinos do Barracão”. Penso que nenhum foi notável na sociedade portuguesa, até porque eram de uma maneira geral tímidos (!) e a nossa vivência no Barracão chegava para fazermos uma vida maravilhosa, alegre, despreziosa e simples. Vou portanto falar dos filhos dos avós Mariana e Luís. Começo pelo tio Guilherme a quem os irmãos chamavam Tátá e que por ter morrido com a pneumónica em 1917 já não há ninguém que o tenha conhecido. Foi uma figura que sempre me fascinou. Era artista, sensível, boémio, divertido e apesar da minha mãe ter só 7 anos quando ele morreu, sempre o evocou com tanta saudade e amor que calou muito fundo em mim. Ele nasceu em Lisboa e muito pequeno deve ter ido com os pais à Alemanha onde o avô Luís foi acabar o curso de engenheiro de máquinas. Atrevo-me a afirmar isto porque o retrato que junto foi tirado em Hamburgo e sei que o avô casou antes de acabar o curso. Fazia 3 anos de diferença do tio Kiko e andavam no colégio alemão em Lisboa. Quando acabaram o liceu foram para a universidade na Alemanha. Aqui tinham de andar de sobrecasaca e o bom do Tátá quando vinha a férias, punha no prego a sobrecasaca e levantava a mala para a viagem e



Guilherme (Tátá)

quando voltava fazia o contrário. Não sei quantos anos durou esta andança mas sei que um ano ele não veio a férias com o irmão, este não explicou a razão e o pai deve ter ficado zangado e mais ainda quando passaram 2 meses sem ele dar sinal de vida. A avó Mariana pôs luto pois achou que ele tinha morrido. Até que um dia o avô estava na frente da casa espiando com os binóculos as entradas e saídas dos vapores quando viu um aproximar-se mais que o usual, da praia, apitando muito. No convés estava o tio Tátá a acenar. Parece que o Avô anunciou à

Avó que o filho vinha naquele barco, que ninguém iria esperá-lo ao cais e que aguardariam por ele em casa. Não sei o que se passou só sei que o tio tinha comprado um barco (com um dinheiro que lhe tinha deixado uma madrinha) de sociedade com uns amigos e tinham viajado para os fiordes do norte da Europa, tinham apanhado um grande temporal, o barco desmantelou-se ninguém lhes deu nada por aquele destroço e sem um tostão para a volta ele foi ao cais de Hamburgo procurar um navio que passasse por Lisboa. Encontrou-o e foi contratado como grumete para baldear o convés. No 2º dia veio às falas com o comandante que estranhou a maneira como falava (falava 5 línguas) e a quem contou a sua história. O barco era concessionado à casa Orey Antunes e o grumete passou a ser convidado de honra do comandante.

O tio Guilherme era um esplêndido aguarelista e deixou uma linda colecção de quadros, alguns dos quais tenho o gosto de ter nas paredes da minha sala. Nos meios artísticos que frequentava conheceu uma jovem pintora por quem se apaixonou e com quem ia pintar, levando-a na sua moto com “side car”. Calculo que para aquela época era muito arrojado, mas depois do tio morrer com a pneumónica a minha Mãe ficou com uma grande amizade com a Sara Afonso, ela era a mana pequenina do seu namorado desaparecido. Anos mais tarde lembro-me de ir ao Chiado lanchar com ambas à Ferrari e recordo sempre a boina que a Sara usava. Depois de ler o livro das conversas de Sara Afonso, com a Maria José Almada Negreiros, fiquei desapontada por não encontrar nenhuma referência ao tio Guilherme. Num encontro casual com a Maria José disse-lhe isso mesmo e ela contou-me que quando passeavam na marginal ela olhara para a grande casa branca com as palmeiras e dizia “aqui viveu e morreu um grande amor meu”

A minha Mãe chamava-se Maria da Conceição José de Jesus, sendo estes dois últimos nomes uma tradição na família da minha avó Mariana da Câmara. Pouca gente a tratava por este nome pois desde pequena foi rebatizada por Conchinha pois o avô Luís dizia que a tinha encontrado na praia. Foi o único filho a nascer no Barracão, pois durante muitos anos só ali passavam as férias. Os irmãos também lhe chamavam Kuki quando era pequenina e mais tarde para os sobrinhos, que eram muitos, foi sempre Titá. Deve ter tido muito mimo pois nasceu no dia em que o tio Kiko fazia 20 anos e o tio Guilherme já tinha 23. O tio Kiko contava que recebeu um telegrama na Alemanha que dizia

“duplos parabéns, tens mais uma irmã”. A seguir a ela era a tia Manon com mais 8 anos. Não teve mestra alemã como os manos, mas sim uma irlandesa católica e não era inglesa porque o Avô não gostava dos ingleses. Por isso não falava alemão como os irmãos mas falava e lia inglês e francês. A tia Ana Quintela (irmã do avô Luís) aconselhou os avós a mandarem a sobrinha interna para um colégio



Conchinha (Titá)

na Suíça para ser mais bem educada, pois achava que ela era uma menina muito mimada. Talvez fosse, mas ela ficou muito zangada com a tia e a verdade é que não foi para o colégio interna e foi sempre uma mulher forte e à altura das responsabilidades que assumiu. Penso que em nova se divertiu muito com a animação e o social do Barracão. Sempre a organizar revistas, verbenas e bailaricos no Éden de Santo Amaro que ficava ao lado de casa e teatros e patuscadas com os sobrinhos que ela adorava e lhe pagaram da mesma moeda.

Quando casou, não havia já casa para ela no Barracão e o Avô deu-lhe uma moradia amorosa em Paço de Arcos, mas ela não gostava da terra e passados dois anos mudaram-se para Caxias para uma casa linda que ainda lá está, mas eis que aconteceu um milagre. A tia Lula e o tio Nuno saíram definitivamente do Barracão e os meus pais mudaram-se para o 1º andar do lado nascente. Aí, junto à Avó e aos manos, instalou-se com o marido e as filhas na casa onde tinha nascido. Organizou a vida em função da família, dos pobres e da Igreja. Vou contar algumas pequenas histórias que definem bem a minha mãe. Toda a gente a conhecia e a todos acudia, dentro das suas possibilidades. Havia um bairro de barracas dos operários que tinham vindo construir o Liceu de Oeiras. Um dia estava o Liceu para abrir e um grupo desses homens foi lá a casa dizer à minha Mãe que tinham recebido um papel da Câmara a dizer que iam deitar as barracas abaixo. Pediam à Dona Conchinha para interceder por eles. Chovia imenso e ela disse-lhes para ficarem na cozinha que ela ia ver o que se podia fazer. Ligou para a Câmara e pediu para falar com o Presidente. Falou com a secretária (que era a filha dela) que lhe disse que o Presidente estava em reunião

e que não podia falar. A minha Mãe insistiu dizendo que era urgente e lá conseguiu. Ao saber do assunto o Presidente disse-lhe que tinha dado essas ordens porque viriam Ministros à inauguração. A minha Mãe disse-lhe que se o Governo não sabia que havia barracas era bom que soubesse pois o mal era tê-las ali e as pessoas não tinham para onde ir, se essa ordem fosse avante ela tocaria o sino da Igreja e meter-se-ia com o povo dentro da Câmara até que ele desse solução ao problema. O Presidente já a conhecia bem para estar certo de que ela fazia o que estava a dizer. As barracas só foram abaixo depois da Câmara mandar fazer um bairro para onde transitaram todas as pessoas das barracas. A minha Mãe foi convidada para a inauguração do bairro e quando a população foi agradecer ao Presidente ele mandava-os agradecer à minha Mãe. Ela era assim! Como esta, teria imensas histórias para contar mas tenho que deixar espaço para os meus primos falarem dos outros tios do Barracão.

Em 1996 o Barracão teria feito 100 anos e alguns primos



O barracão da praia, como era inicialmente conhecido resolveram comemorar.

Fizeram versos que cantados:

(Musica do Tannem Baum)

Ó Barracão, Ó Barracão

Nunca te vou esquecer

Fazes bater o coração

Com o nascer e o viver

Ó Barracão, Ó Barracão

Tu nunca vais morrer

(Música “Tu não te lembrás”)

Quem não se lembra da casa tão bonita

Toda virada p’ró mar

Quem não se lembra da família tão unida

Onde era tão bom estar

Das tardes na frente da casa

E das noites de luar a conversar

Bailaricos, arraiais

Coisas que não esquecem mais

Pra recordar

Quem não se lembra da rua das palmeiras
Onde todos nós brincámos
Quem não se lembra das partidas e asneiras
E dos jogos que jogámos
Das discussões de estendal
Dos namoros das criadas
Tão lembradas
Das barafundas dos cães
Dos raspanetes das mães
E das cegadas
(Musica “Procissão”)
Dia de festa pra “gantza” família
Vamos pra missa com muita devoção
Depois jantamos muito animados
Faz cem anos o barracão
Como foi bom termos lá vivido
Tantos festejos e tantos casamentos
Tanta alegria e tanto alarido
Como é bom recordar tão bons momentos
Também houve momentos de tristeza
Doenças mortes dos nossos entes queridos
Mas a amizade era a nossa riqueza
Nunca tivemos grandes mal entendidos
Também lembramos com muita saudade
Aqueles que trabalharam para nós
Que Deus a todos nos julgue com bondade
Para no céu nos juntarmos aos Avós
Nunca sairá da nossa memória
A sua imagem tal força que tem
Ficará p’ra sempre na nossa história
E chegará aos nossos netos também.

Já uns anos antes tínhamos reunido num almoço picnic no Forte das Maias onde além de todas as gerações que quiseram vir, também tinham sido convidados antigos empregados da família e filhos dos caseiros Sebastião e Deolinda que durante anos trabalharam e viveram na quinta, sendo portanto também Inquilinos do Barracão.

A boa vivência que ali tínhamos entre todos era fantástica e para bem se compreender como isto acontecia vou contar o seguinte: quando morreu o Galhé, a sua mulher encontrou nos papéis dele esta carta que eu lhe escrevi quando ele estava no sanatório do Caramulo. Eu tinha 8 anos e ele 20. Eis um pequeno excerto!

«Meu querido Galhé, Estás melhor? Deus queira que sim. Eu tenho estado novamente doente com uma gripe muito forte mas hoje graças a Deus estou um bocadinho melhor mas ainda estou na cama.

Tenho sentido muito a tua falta, pois que quando eu estou doente és sempre tu que me fazes mais companhia...».

MARIA FRANCISCA (MÉMÉ)

por Gaivões

No maior dia do ano 21 de Junho de 1895, nasceu a primeira filha do casal, Mariana e Luís d’Orey.

Falar da nossa Mãe e Avó é sinónimo de Amar, pois muito amou e muito foi amada.

A Mana, Azul, tia Mémé, casou com o seu primo, Luís Gaivão



Baptizado da Lali, com Pinho, Pequicha, Quinho, Laurita, Quiquita, Catuxa, Zé, Quici e mais dois bebês

“Pi”, com quem, infelizmente, por pouco tempo foi muito feliz e tiveram 9 filhos. Ficou viúva aos 40 anos.

A nossa Mãe e Avó era de uma caridade enorme, que tudo dava e dava-se a si própria. Com uma Fé invulgar e católica fervorosa entregou-se aos seus pobres e à sua Paróquia. O seu grande sonho era ter um filho sacerdote e Deus deu-Lhe essa imensa graça, com a ordenação do seu último filho, José Diogo.

Viveu por duas vezes em África, onde nasceram o Janota e o Pi, mas não aguentou as febres e voltaram para Portugal. Foram viver para o Algarve, onde nasceram o Quinito em Estombar, que morreu com 6 meses e o Padre Zé Diogo na Praia da Rocha.

O seu amor pelos filhos era tão grande, que quando a Gí foi operada e estava cheia de dores, ao acordar de um desmaio viu a Mãe com um cigarro aceso na boca e perguntou-lhe o que se estava a passar, a Mãe deu-lho dizendo: “É para ti, filha para te aliviar as dores”.

Tanta era a sua caridade que um dia deu as botas da tropa do Pi e quando ele lhe perguntou, respondeu com toda a calma, “dei-as à Danha”. Adorava mudar toda a casa e o Sebastião, caseiro, dizia que os móveis da D. Mariazinha deviam ter umas rodas por baixo.

Era madrinha de muitos aqui em Santo Amaro de Oeiras. Um dia, um dos seus afilhados estava na praia com uma grande bebedeira e a dizer muitos palavrões. Foram chamar a Mãe que desceu para a praia e o afilhado disse “Acabou aqui a minha má educação, chegou a minha madrinha”.

Mãe e Avó obrigada por todo o amor, carinho, caridade e exemplo que nos deixou e que ao pé do Senhor continue a amparar-nos nesta nossa caminhada.

Um grande beijo dos Filhos e Netos.

O COMO É BOM TER PRIMOS

por Maria Teresa d'Orey Seabra Pereira de Sacadura Botte (Tim-Tim) (laranja)

Como sou a mais nova da minha geração e como o meu ramo teve o privilégio de viver todos juntos no Barracão sempre me senti amparada, protegida e acarinhada pelos primos (também algumas vezes fui vítima e bombo de festas das partidas e traquinices dos mesmos). No entanto, foram muito mais as vantagens que os contras. Depois fui descobrindo a família alargada, nos colégios, no social, no desporto. Sobretudo os d'Oreys iam surgindo por todos os cantos. Naquele tempo (anos 50), tempo de bailaricos e festinhas, só havia beijinhos entre amigos e primos, as meninas cumprimentavam os rapazes de aperto de mão. Numa festa muito animada onde estavam imensos primos, que eu beijocava com todo o



Padre José Diogo durante uma celebração

desplante ouvi um comentário duma amiga : que sorte que a menina tem a dar beijinhos a todas estas brasas (na verdade havia primos lindíssimos). Como eu não tinha irmãos, eram os meus primos que me acompanhavam na maior parte das vezes às festas. Já não eram só os do Barracão, o estatuto de primo já era o salvo conduto para poder sair à noite. Depois ao longo da vida, fui encontrando primos e primas que me foram sempre ajudando e dando momentos de alegria. Lembro-me de uma ida a Israel com toda a minha família e quando cheguei ao aeroporto havia mais 15 primos. Sempre que um primo parte para a casa do Pai, sinto que a família ficou mais pobre e mesmo que eu não possa aparecer para me juntar na missa tenho um sentido de pesar, pelo que partiu.

Também nos momentos em que Deus chamou os meus Pais e há pouco tempo o meu João, eu senti o conforto e o carinho de imensas primas e primos.

Da minha geração houve um primo de quem gostaria de falar : era o Zé Diogo que foi padre do patriarcado de Lisboa. Era o mais novo dos 8 filhos da Tia Mémé (Azul) e ficou sem Pai com 18 meses. Nós éramos os dois mais novos dos 21 netos dos avós Mariana e Luís. No dia em que fiz 3 anos as primas fizeram o nosso casamento. Passadeira encarnada no ténis, o escadote revestido com uma colcha fazia de púlpito e o Pedro Gaivão (o Verde) de batina fez o sermão dizendo que conhecia os noivos desde pequeninos. O gramofone tocava a marcha nupcial e houve bolo de noiva com flor de laranjeira. A noiva estava à maneira de vestido de renda com cauda e véu e o noivo tinha na cabeça a

cartola do tio João que lhe enfiava até aos olhos. Mas o Zé Diogo foi então para o seminário e dizia sempre: nasci para matar a minha Mãe ou de alegria quando me ordenar ou de desgosto se desistir. Afinal não desistiu, a Mãe não morreu, mas ele também não teve uma vida fácil.

Mas eu recordo sempre com emoção a missa dos 90 anos da Tia Daisy em Rio Frio onde a Lurdes e o Hugo juntaram todos os primos do Barracão e em que o Zé Diogo disse : certamente vocês já se têm interrogado porque é que dentro de todos nós fui eu, o mais frágil, a ser chamado por Deus para o seu serviço, encontrei a resposta e vou-la dar. Penso que o Senhor quer mostrar que apesar de eu ser o mais fraco, a Palavra d'Ele passa. É verdade querido Zé Diogo, a Palavra passou através de ti e ficou no coração de muita gente que ainda hoje a recorda.



Ordenação de José Diogo, com a sua Mãe beijando-lhe as mãos.

A MANON E JOÃO DA CÂMARA

por Pedro M.O.M.A.M. Gaivão (O Verde) e M. Assunção O.G. Figueiredo (Catuxa)

É com muito carinho e gratidão que os meus irmãos e sobrinhos recordam com saudade este casal exemplar.

Quando o meu Pai morreu, eu tinha 6 anos e o meu irmão mais novo, Padre José Diogo, tinha 18 meses. Éramos 8 irmãos e os Tios sempre ajudaram a minha Mãe, como se fossem nossos segundos Pais.

A Tia Manon era a terceira filha dos avós, Mariana e Luís, tinha muita caridade, fé e amor, o que é muito difícil de descrever. Como católica foi uma catequista e uma organizadora das actividades sociais da paróquia. Foi das primeiras senhoras a tirar a carta de condução, principalmente para poder levar os Avós a passear: as idas à feira de Sintra e andar pelos saloios. Mas para nós irmãos foi aquela que com saudade tanto amámos.

O tio João, os cunhados chamavam-lhe o “Leal” e foi das alcunhas mais bem postas. Era também um tio que nos amava e em que nós tanto confiamos. Adorava a caça e o seu Casal de S. João (Alcochete), que foi tão vivido e que tantas saudades deixou a todos nós.

Bem hajam, meus queridos Tios e que o Senhor os guarde com carinho e aqui fica um pequeno testemunho dos sobrinhos que tanto os amaram. A tia Manon também ajudou a criar os 5 filhos da Gu e do Janota e que são igualmente gratos e muito amigos, a quem a Tia sempre ajudou e acarinhou.

Obrigada pelo Vosso grande testemunho de amor, caridade e carinho.



Postal com “Vista da Praia a partir do Barracão”, provavelmente nos anos 60 (arquivo Bruno d’Orey Slewinski)

O AVÔ KIKO

por Ija Mello e Castro e Luís d'Orey (Gito) (laranja)

Nasceu a 28 de Fevereiro de 1890 em Lisboa.

O Avô ainda muito pequeno, com 9 anos, foi estudar para a Alemanha aonde viveu toda a sua juventude. Só vinha a Portugal nas férias grandes de Verão.

Formou-se na Alemanha, em Engenharia de Máquinas, na Universidade de Hannover.

Numa das vindas a Portugal, conheceu e apaixonou-se pela avó Daisy que era inglesa, cujos Pais eram amigos dos Bisavós.

Quando rebentou a primeira Guerra Mundial (1914), estando o Avô na Alemanha, partiu para o Brasil aonde trabalhou na Casa Orey até voltar para Portugal quando a guerra terminou (1918)

Durante a sua estadia no Rio de Janeiro, o Avô casou por procuração com a avó Daisy, a 2 de Julho de 1917, tendo a Avó partido num Barco Inglês para o Brasil aonde viveu com o Avô. Nessa altura em 22 de Julho de 1918, nasceu a minha mãe Guida, e passado alguns anos voltaram para Portugal, por questões de saúde, tendo ido viver para a Quinta do Barracão, aonde mais tarde nasceram os tios Luís (1 de Fevereiro de 1925) e Hugo (17 de Março de 1927). Trabalhou sempre na Casa Orey Antunes, na mesma sala do tio Vasco d'Orey, de quem era grande amigo.

Recordamos o nosso Avô como um homem apaixonado e generoso. Apaixonado pela família, pelo trabalho e pela vida. Sabia tornar grandes as pequenas coisas, era culto, conversador, divertido e gostava de música. Lembro-me de o ouvir tocar Violoncelo, acompanhado ao piano pela minha mãe Guida, e á Guitarra pelo nosso tio Hugo.

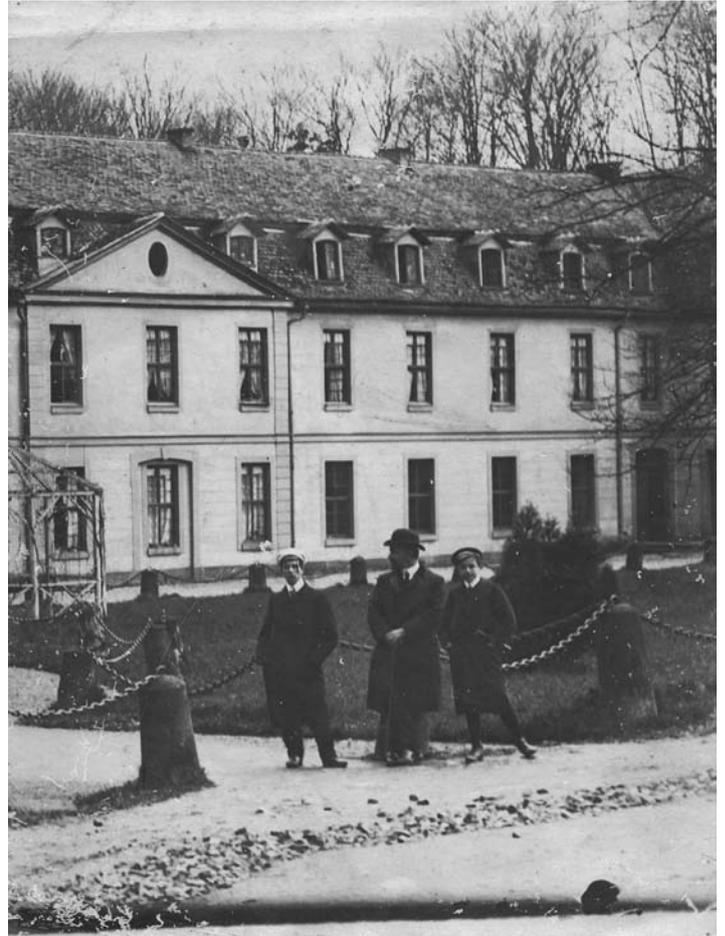
Nos tempos livres tinha dois entretenimentos.

De Verão gostava de velejar na canoa Fatinitza, ao largo de Cascais e para a Cova do Vapor, havendo sempre uma caldeirada para o almoço feita pelos arrais e quando íamos para Cascais, o avô que era muito guloso, mandava os arrais comparar uns bolos óptimos, que se não me engano se chamavam Bolo Real que se vendiam numa pastelaria muito pequena ao pé do que é hoje a Câmara. Lembro-me também da excitação que eram as regatas, em que normalmente a Fatinitza ganhava.

De Inverno, o Avô, que era um grande coleccionador e conhecedor de selos, entretinha-se a trabalhar na sua colecção.

Não nos podemos esquecer da sua paixão pelo Sporting pois o Avô nunca nos perdoaria tal coisa! Todos os fins de semana ia assistir aos jogos levando consigo os filhos (Luís e Hugo), e alguns sobrinhos, (tio Gui, tio Pedro Verde...)

Tendo eu em novo, trabalhado na Orey Antunes,

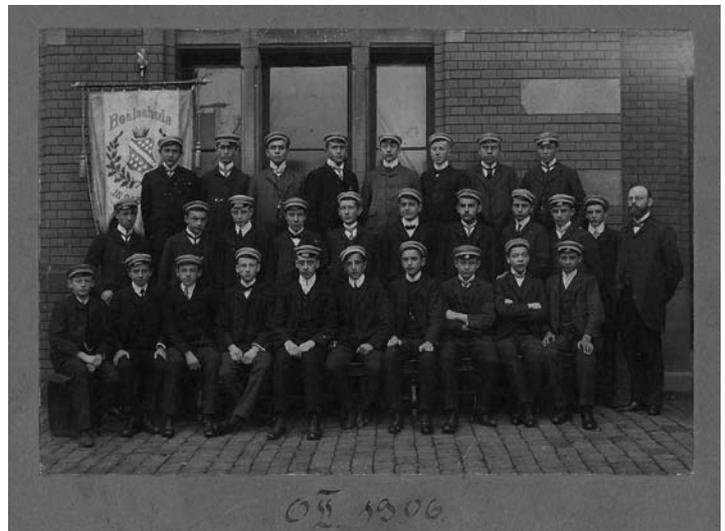


Avô Kiko, com o irmão mais velho Tátá, e o Bisavô Luís, na Alemanha

lembro-me do Avô ser recordado, pelos empregados de longa data, pelo seu sentido de humor e gosto de pregar partidas

Não podemos escrever sobre o avô Kiko sem referir que a seu lado teve sempre uma mulher fantástica, a nossa avó Daisy.

Deste casamento, somos neste momento cerca de 100 descendentes directos.....



Avô Kiko com a turma, na Alemanha

PARA UNS O TIO JOSEPH E PARA OUTROS O AVÔ JOSEPH

por José Luis d'Orey Ferreira Roquette



Escrever sobre o meu Avô obriga-me a enaltecer um triunvirato que, pela sua nobreza de carácter, pelos seus ensinamentos e pela ternura que lhes devoto é um imperativo de consciência, que pretendo deixar expresso, para quem me ler hoje e virá a ler amanhã. Refiro-me à minha avó Luisa e à “Zelle Velha” (*mademoiselle* de três gerações) que, muito mais do que uma *mademoiselle*, considerava-a uma familiar, muito querida, sentimento expresso por todos, que com ela viveram. O seu nome era Maria Fernanda Palhinha de Moura, natural de S. Miguel, nos Açores.

Filho de Luis de Albuquerque d'Orey e de Mariana Eugénia José de Jesus Maria da Câmara o Avô nasceu em 8 de Dezembro de 1898, dia de Nossa Senhora da Conceição, antigo Dia da Mãe, tendo estudado no Colégio Alemão, em Lisboa, até um nível de escolaridade, que desconheço, mas segundo julgo não muito alto. As suas habilitações académicas são completamente irrelevantes perante um perfil cultural elevado, pois sendo um Homem com fortes hábitos de leitura, tornou-se um verdadeiro autodidacta.

Casou a 24 de Abril de 1922, tendo tido quatro filhos

(Pilar, Galhé, Gigica e João) e doze netos.

Cedo começou a trabalhar na casa Orey Antunes, como responsável pelo negócio do ferro, tendo os tios Vasco e Quico a responsabilidade de, entre outros, o ramo da navegação. Era extraordinário visitá-los no escritório e ver a amizade e o profissionalismo com que se dedicavam ao negócio. Note-se que os visitei muitas vezes e nunca presenciei o mais pequeno desaguisado entre eles. Eram dois primos e um irmão que demonstraram, sempre, uma verdadeira e profunda amizade. Almoçavam todos os dias juntos, na mesma mesa, no Restaurante Porto de Abrigo, no Cais do Sodré, a quem se juntava o tio Xavico, que tinha o escritório do sal, junto à Orey Antunes. Tive privilégio de me associar a alguns desses almoços, não sem que antes o meu Avô chamasse o António Martins, empregado do escritório, para me levar ao barbeiro, para me mandar cortar o cabelo. O Avô detestava cabelos compridos. Se ele visse o que se passa hoje...

O Avô e a Avó viveram primeiro, em Lisboa, em casa que não conheci, mas que sei situar-se na Rua Arriaga, junto à Rua Ribeiro Sanches. Mais tarde, não sei precisar quando, foram viver para a Quinta do Barracão, em Santo Amaro de Oeiras, onde há 58 anos nasci, no quarto de hóspedes da casa. Atente-se que dos cinco irmãos que tive, todos nascemos no Barracão, com excepção do meu irmão Salvador que nasceu em Lisboa.

Falar do Avô era vê-lo chegar de combóio depois de um dia de trabalho.

No Inverno, invariavelmente, parava na sua horta (cada tio tinha uma horta na quinta), chamava o Sebastião, caseiro da quinta, e dava-lhe as suas instruções, quanto ao seu cultivo. À chegada a casa seguia-se o ritual do jantar, refeição que tanto adorava. Acrescente-se que todos, ou quase todos os dias tinha filhos e netos a jantar com ele. Invariavelmente o jantar começava às 20h00. Antes disso chamava os netos (rapazes), à casa de banho, esfregava-lhes a cabeça com a Loção Andrade (que mandava comprar na Farmácia Andrade, na R. do Alecrim) e obrigava-nos a pentear, com rigor, antes de irmos para mesa. O jantar terminava, quando ele acabava de contar as suas intermináveis histórias, que todos tínhamos de ouvir, muitas vezes repetidas, apesar da avó Luisa dizer “Joseph deixa os pequenos, não vez que eles querem ir brincar”. Estas histórias foram, sem qualquer dúvida, verdadeiros ensinamentos para a vida, dada a diversidade dos temas, que se situavam, de entre outros, na defesa dos valores de Deus, da Pátria e da Família.

No Verão repetia-se o cenário, com a variante da sua vestimenta “post” trabalho. Vestia-se de todo de branco,



No Fatinitza, o Pé-Leve (arrais), Joseph, Pilar e Zé Diogo

camisa, calças compridas e sapatos de ténis. Antes de jantar ia à varanda, com os seus binóculos ver o rio e os barcos que nele navegavam. Uma das suas paixões a vela! O tio Quico e o Avô tinham comprado um barco, uma canoa da picada de Sesimbra que, depois de adaptada, se tornou uma ganhadora de regatas. Estou a falar na Fatinitza, hoje em exposição no Museu de Marinha, em Belém. Em termos desportivos falar do Avô, sem falar de ténis seria uma lacuna grave. Era um exímio jogador esquerdino, campeão, entre os campeões. A sua modéstia levava-o a jogar só em torneios particulares, onde ganhava quase sempre. Para além das suas paixões, que já descrevi, a grande paixão da sua vida foi a avó Luisa, senhora de profundas convicções religiosas (foi com ela que fui pela primeira vez a Fátima, no Táxi do Manuel Alberto, taxista de Santo Amaro) e de uma generosidade sem limites. Mais tarde quando o Papa Paulo VI visitou Fátima recordo-me que ela chorava porque, com a multidão no Santuário e com a sua baixa estatura, não conseguia ver a figura do Papa. O meu irmão Salvador e eu pegámos-lhe ao colo e ela conseguiu ver Sua Santidade. Ela dizia “*Se não fossem os meus netos não tinha visto o Papa*”. Não se eximia em ajudar os pobres, os filhos e os netos, em tudo o que fosse preciso. Recordo-me que foi ela que me ofereceu todo o enxoval e suportou as despesas com as propinas da minha passagem pelo Seminário de Penafirme, que durou 18 meses. O que fez comigo fazia com toda a gente...

Cabe agora referir-me á terceira figura do triunvirato, a nossa querida “Zelle Velha”. A Zelle aparece na família na sequência do que era o meu Avô para a minha Avó. Poupar a “Luisinha”, como às vezes ele dizia. Assim a Zelle começou por ser a “mademoiselle” da minha tia Pilar e da minha Mãe (Gigica) apoiando-as na sua adolescência, “chaperon” dos seus namoros e acompanhando-as no seu casamento. Mais tarde tornou-se a governanta da casa, a quem tudo era confiado. A administração do orçamento familiar, a gestão do pessoal doméstico, enfim a “dona” da casa. Quando nasce a geração, em que me incluo, olhámos a Zelle como uma pessoa de família que vivia em casa dos avós e que todos adorávamos. Ela foi para nós, uma tia mais velha, uma mademoiselle, uma amiga muito querida, que todos confiávamos e que estava sempre pronta a ajudar em qualquer adversidade. Nasce a terceira geração, a dos nossos filhos, e o seu carácter continuou inabalável, até nos deixar quando, após a morte dos meus Avós e de uns anos a viver em casa da minha irmã Mariana, decidiu partir para os Açores, para junto da sua verdadeira família. Atrevo-me a dizer que morreu uma iluminada por Deus...

Já vai longo o meu testemunho, mas não posso terminar sem agradecer “post mortem” ao MEU AVÔ e PADRINHO tudo quanto me proporcionou. Recordo o BARRACÃO, o exemplo vivo de uma Grande Família, que partilhava, em união, um soberbo espaço de lazer e transmissor dos grandes princípios da moral e da

O JOÃO CASOU COM A JOANA

por Ana Maria Garcez d'Orey Slewinski (Nico)



A Maria Joana Mota Silva e o João de Deus d'Orey Bramão Ramos deram o nó!

Linda Festa! Na Igreja de Melres, celebrado pelos Padres Nuno Coelho no dia 18 de Abril. Tudo cuidadosamente tratado pelos noivos, não esquecendo os agradecimentos ao fantástico coro que tornou a celebração ainda mais rica (os Louva-a-Deus & Friends.

E depois...a continuação da Festa até às tantas! A lua de mel foi na Turquia e os noivos só souberem desse destino mesmo às tantas!



Os noivos com a prima Zé e a Vera

UM D'OREY BEM FRESQUINHO

por Rodrigo da Gama Roquette (encarnado)



Olá! Já que está no fim então aqui vai um d'Orey bem fresquinho!

José Vicente Ramalho Roquette, filho de Rodrigo da Gama Roquette, neto de António do Carmo d'Orey Roquette, bisneto de Maria Manuela d'Orey Roquette(Pico), Trisneto de José Manuel d'Orey, Tetra neto de Frederico d'Orey, Penta neto de

O pequeno José Vicente Roquette Guilherme Aquiles d'Orey.

José Vicente dá ideia de vir a ser um rapaz alto, mãos de artista, pé de nadador de alto mar e olho azul nórdico.

Duas pedras brilhantes vieram das minas de seus pais.

Vão e vêm de norte a sul, com trabalho e gazeta ,

Sobem e descem, como um leão de asas e muito mais.

bjs

O MONTE DOS CUCOS

por Francisco de Mello e Castro (laranja)

Aproveito esta Gazeta sobre o Barracão para mostrar o Monte que alugo para fins de semana e para férias.

Quem sabe, para que a Redacção possa descansar e depois voltar!

Informações ou esclarecimentos para os seguinte contactos telefónicos. Tel: 926528260 (Francisco) Tel: 918500127 (Vera), ou ainda para o endereço de email que se segue: montefreicuco@gmail.com



NOTÍCIAS

por Tim-Tim

Em quatro meses o Senhor levou para junto dele três primos, filhos da tia Assunção d' Orey e do tio Pedro da Cunha que ajudou a nascer muitos d' Orey. A primeira a partir foi a Terezinha, depois de muito sofrimento, a 12 de Janeiro. Tinha 6 filhos, 17 netos e um bisneto. O Gui e os filhos deram-lhe um apoio exemplar durante a sua longa doença, durante a qual ela teve muita coragem e aceitação. Marcou o seu tempo como referência, pela sua elegância e formação moral. A Bobicha a mais velha dos manos que há anos sofria duma grave doença também partiu para Deus no dia 26 de Abril depois de muito sofrimento tendo deixado 9 filhos, 23 netos e 3 bisnetos. Foi uma grande senhora em todas as circunstâncias da sua vida. O Zé Bobicho (Marquês de Olhão) teve um presente do Céu maravilhoso. Quinze dias antes da sua morte celebrou com a Quica e todos os descendentes as suas Bodas Ouro. Uma missa linda concelebrada pelo Padre Duarte Cunha, Padre Azeredo, assistente da equipe de casais e o Prior de Grândola que se quis associar à festa. A missa foi acompanhada à viola pela neta Madalena e cantada pelos outros netos que também fizeram as intenções com muita simplicidade, amor e ternura. Também estavam alguns irmão e seis amigos.

MENSAGENS

por Redacção da Gazeta

Da Sr^a D. Maura Paes Rodrigues (98 anos) de Uberlandia (Brasil), um agradecimento comovido pela notícia do casamento do seu neto Arthur com a Lulu (filha da Nucha). A Gazeta d' Orey tirou o sono a uma nossa leitora do Porto, Teresa Ramalho Barros, que não conhecemos directamente - ao ler-nos lembrou-se da sua própria juventude, das festas, das brincadeiras, etc. etc "*..vou-me deitar com a sensação que revivi um sonho...um sonho que me deixou de coração comovido, encantado, feliz. Parabéns pelas deliciosas Gazetas*".

A propósito da notícias de que TEMOS QUE MUDAR de equipe, porque "Quem muda, Deus ajuda!" e nós só queremos que a Gazeta d'Orey seja ajudada, recebemos várias mensagens que muito nos comove mas...lá terá que ser. Não é novidade nenhuma. Já tínhamos mandado algumas mensagens em Gazetas anteriores mas ninguém ligou "bóia"! Os brados foram então da Inês d'Orey (amarelo e verde), da Bedina (amarelo e laranja), do Carlos Rolo (amarelo e verde), do Filipe d'Orey Vieira da Rocha (amarelo), da Cecília (amarelo e verde) da Vera Tanger (amarelo), dos primos Anita e



Zé Bobicho (Marquês de Olhão) e a sua Quica

Depois comeu-se um óptimo cozido. Penso que o Zé começou nesse dia a caminhar para o Céu. A sua saúde que já era pouca foi piorando e adormeceu no Senhor no dia 27 de Maio. Fechou o ciclo da sua vida com chave de ouro. Foi um exemplo de bom cristão, um Servita excepcional que vai ser recordado não só pela família e amigos, como por todos os que se cruzaram com ele nos Caminhos de Nossa Senhora. As saudades e o vazio que estes primos deixaram só serão atenuados pela Esperança que temos de um dia nos encontrarmos todos no Céu.

Manuel Mascarenhas Gaivão, do José Pedro Bessa de Albuquerque d'Orey (amarelo), do Rodrigo Roquette (encarnado) e do Christophe d'Orey Vieira da Rocha (amarelo) de Hong Kong, lembrando que a avó Bijou, já muito doente, o fez prometer que gostaria sempre da família. Gostava de contactar com o primo Marchand (?) e com o Joca (Santiago).

A propósito da última Gazeta d'Orey, não houve lenços para enxugar as lágrimas da neta mais velha de José Diogo e de Albertina! Outra neta a Russi também se comoveu com tudo mas achou o máximo o seu próprio texto (imagine-se!?!)- ela é assim, não se liga!. Muito carinhosos foram os comentário do Zé Luiz, Bedina, Carlos Rolo e Janica. Do Brasil, Belo Horizonte, veio uma mensagem muito simpática da professora-aposentada da Universidade Federal de Minas Gerais, Theresa Calvet Magalhães (neta do irmão mais novo de Maria Helena). Gostava de contactar com a Bedina que conheceu em Louvain e também com a Graça e com a Pili (filhas de Waldemar e Lacas) que conheceu em Luanda (theresa.calvet@gmail.com).